

Contribuições de Élisée Reclus para a Geografia Moderna

Contributions of Élisée Reclus for Modern Geography

Renan Fernando de Castro

Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas-MG

Bolsista IC FAPEMIG.

Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais-GERES

renan_fernando@ig.com.br

Marcos Jorge Godoy

Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas-MG

Bolsista PIBIC-CNPq.

Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais-GERES.

marcos.jgodoy@yahoo.com.br

Flamarion Dutra Alves

Professor Doutor do Curso de Geografia da Universidade Federal de Alfenas-MG

Líder do Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais-GERES.

dutrasm@yahoo.com.br

Artigo recebido para revisão do evento em 22/04/2014, aceito para publicação em 11/05/2014 e recebido para publicação em 01/06/2014

Resumo

Poucos geógrafos, principalmente os que estão inseridos na academia, conhecem a vasta obra do geógrafo anarquista Élisée Reclus. Com uma linguagem bem afinada com o grande público, Reclus conseguiu em seu momento histórico influenciar um grande público, em especial os movimentos sociais que estavam em efervescência no período. Mesmo utilizando-se do arcabouço positivista, que privilegiava as descrições do mundo das aparências, dos mais diversos objetos geográficos, Reclus avançou ao propor uma série de temáticas que fugia aos paradigmas da época, considerando a luta de classes e o movimento constante da sociedade como um importante sujeito em sua ciência. A Geografia Social, a questão colonial e a industrialização foram temas que Reclus contribuiu de forma decisiva para o pensamento geográfico. Com uma abordagem original sobre o tema e partindo sempre da perspectiva dos trabalhadores, Reclus formulou novos conceitos e abordagens que até nos dias atuais são utilizados pelos geógrafos, predominantemente os críticos.

Palavras-Chave: Élisée Reclus; Anarquismo; História do Pensamento Geográfico.

Abstract:

Only a few geographers, mainly those who are in the academy, know the work of the anarchist Élisée Reclus. With a very sharp language, Reclus managed to influence a big crowd, specially the social movements that were happening at the time. Reclus who made a contribution to the science, even though he used a positivist approach that focused on the descriptions of the world from the most different geographical objects, proposed several topics that were different from those commons to his period, like the struggle of classes, the society's continuous movement as a important subject in his science. The Social Geography, the colonization and the industrialization process were themes in which Reclus was able to contribute in a decisive manner to the geographical knowledge. With an original approach, Reclus formulated new concepts and approaches that till this day are used by geographers, specially the critic ones.

Keywords: Élisée Reclus; Anarchism; History of Geographical Thought.

1. INTRODUÇÃO

As diversas ciências, inclusive a geografia não devem apenas descrever e interpretar a realidade, mas sim utilizar todo seu potencial para transformar a realidade desigual e injusta em que vivemos. Dentro dessa perspectiva temos diversos autores que dedicaram sua vida e obras para a transformação da sociedade.

No que concerne especificamente à Geografia diversos foram os autores que souberam conjugar seus escritos com sua atuação política e social. Nosso intuito com este trabalho é estudar mais detidamente a contribuição do geógrafo Francês Élisée Reclus (1830-1905). Sua participação ativa na resolução de questões pertinentes à sociedade de sua época e suas reflexões no âmbito o pensamento geográfico sempre foram voltados para a modificação da situação dos excluídos explorados pelo capitalismo. O que fica mais evidente quando é possível perceber sua tenaz insistência em implantar suas ideias através de sua militância na sociedade.

Partindo da concepção anarquista e que a sociedade é dividida em classes sociais Reclus analisará os fenômenos geográficos e sociais. Suas obras muitas vezes serão “boicotadas”, pois não interessou aos detentores do poder que enxergaram em sua vasta publicação uma crítica à sociedade capitalista. Encontramos muito pouco as obras de Reclus nas universidades,

fator esse explicado pelo teor de suas obras e também o domínio exercido pelas teorias de Paul Vidal La Blache (1845–1918) que é do mesmo momento histórico que Reclus, porém o possibilismo de Vidal atendia muito mais aos interesses da época e influenciou profundamente a ciência geográfica e autores posteriores.

Portanto essa pesquisa pretende mostrar dentro da perspectiva da luta da de classes e da corrente anarquista no qual Élisée Reclus esteve inserido toda a sua contribuição e influência na geografia moderna, focando principalmente as temáticas Geografia Social, questão colonial e o processo de industrialização.

2. OBJETIVOS

- Demonstrar a contribuição de Reclus à Geografia Moderna.
- Mostrar o anarquismo como base político-metodológico na produção das obras de Reclus.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Separar a vida e obras de Reclus do pensamento anarquista é cometer um erro. Todos seus escritos estiveram amarrados com a concepção anarquista onde em última instância Reclus pretendeu a libertação completa do homem, uma sociedade sem Estado e fronteiras.

Em seus começos, a anarquia apresentou-se como uma simples negação. Negação do Estado e da acumulação pessoal do capital. Negação de toda a espécie de autoridade. Negação ainda das formas estabelecidas da sociedade, embasadas na injustiça, no egoísmo absurdo e na opressão, bem como da moral corrente, derivada do código

romano, adotado e santificado pela igreja crista. Foi nessa luta, engajada contra a autoridade, nascida no próprio seio da internacional, que o partido anarquista constituiu-se como partido revolucionários distinto. (KROPOTKIN, 2007, p.33)

Reclus manteve amizade com Bakunin durante sua vida, e compartilhou diversos pensamentos e ideias com esse importante e mais famoso intelectual anarquista. Essa amizade, juntamente com suas ideias anarquistas causaram muitos problemas a Reclus que chegou a ser preso e exilado.

Frente ao conselho, assumindo a responsabilidade de seus atos e posições político-ideológicas, foi condenado ao degredo perpétuo na colônia francesa de Nova Caledônia, na Oceania. Do ponto de vista moral e intelectual, a condenação correspondia quase à pena de morte, uma vez que ele se separaria da esposa e das filhas e se isolaria dos amigos, dos livros e de quaisquer atividades científicas. (ANDRADE, 1985, p. 13)

Mesmo no exílio Reclus continuou ativamente sua vida política. Para ele o comunismo pragado por Marx não passava de um comunismo autoritário. A tomada do Estado pelos proletariados resultaria em uma inevitável burocratização e finalmente um Estado repressor da grande maioria da população pobre. Portanto o que Reclus defendia era o que o próprio intitulou de comunismo libertário. Nesta perspectiva se aceitava a existência das classes sociais e outras categorias do comunismo clássico. Contudo o que frontalmente os separava era a visão do Estado e o momento de transição entre uma sociedade de classes e o desaparecimento dessas classes. “Queremos nos livrar da opressão do Estado, não ter mais acima de nós superiores que possam comandar-nos,

pôr sua vontade no lugar da nossa.” (Reclus, 2011, p.45)

Na realidade, quando o anarquismo propõe uma sociedade sem Estado e sem governo, está sugerindo uma sociedade sem autoridade e burocracia, o que não implica uma sociedade sem organização, mas uma sociedade organizada de maneira autônoma a partir das bases e fundamentada na educação integral dos indivíduos. (PAULA, 2008, p.4)

Por fim, Reclus desejou que a ciência geográfica, apoiada no anarquismo, deveria servir para a libertação do homem do próprio homem, uma geografia militante, onde não houvesse Estado ou fronteiras entre nações, e que os trabalhadores de todo o mundo se enxergassem como iguais e os únicos responsáveis pela riqueza material humana.

Em nossa época de crise aguda, em que a sociedade encontra-se tão profundamente abalada, em que a agitação de evolução torna-se tão rápida que o homem, tomado de vertigem, busca um novo ponto de apoio para a direção de sua vida. (RECLUS, 2010 , p. 47).

A extensa obra de Reclus nos leva a inúmeros caminhos e possíveis abordagens. Portanto, foi escolhido, levando em consideração as inúmeras leituras a respeito do autor, e alguns de seus escritos, temas chaves de suas obras.

Primeiramente será tratado a tríade no qual Reclus baseia boa parte de suas pesquisas. A luta de classes, que os anarquistas de forma geral, e inclusive Reclus, emprestam do marxismo com algumas diferenças e ressalvas. O equilíbrio entre as distintas classes ou castas sociais, que podem se romper a qualquer

momento e levar a sérios conflitos entre elas, terminando apenas quando um dos lados se impõe ao outro. E por fim, o que é criticado por muitos autores, a importância do indivíduo e seu constante esforço como elemento chave na evolução da sociedade. Esses três fatores farão parte do que Reclus intitulou de Geografia Social

A “luta de classes”, a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fatos que nos revela o estudo da geografia social, e que, no caos das coisas, mostram-se bastante constantes para que se lhes possa dar o nome de “leis”. (RECLUS, 2010, p. 50)

A questão colonial é tratada por Reclus, seus escritos a respeito do tema divergem profundamente dos autores da época, e segundo Andrade (1985) o “problema colonial” é uma das principais contribuições de Reclus à Geografia Moderna. Enquanto La Blache e seus discípulos justificavam o colonialismo francês, que com o discurso de um gênero de vida mais avançado levaria o progresso para outras civilizações “atrasadas”, Reclus questionava essa lógica perversa, mesmo que em alguns momentos, respeitando as limitações de seu momento histórico, ele demonstrasse algumas visões hoje superadas.

No período em que viveu Reclus (1830-1905), o capitalismo sofria grandes alterações e desenvolvimento. Com o crescente avanço das forças produtivas e assustadora industrialização, trazida principalmente pela Inglaterra, países colonizadores e colonizados transformavam-se radicalmente. Cada um cumprindo um papel diferente nesse novo cenário mundial.

A grande maioria dos geógrafos descartou a existência desses fenômenos em seus estudos, por entender que não cabia à geografia analisá-los. Reclus, contudo, trouxe à geografia reflexões referentes à crescente industrialização e seus efeitos na questão urbana e do tema que estava em constante discussão na época, o progresso.

Houve um tempo, todos se recordam disso, em que se via na extrema divisão do trabalho uma das realizações mais desejáveis de toda grande indústria manufatureira; os economistas pregavam esse uso com um entusiasmo quase religioso e exaltavam-se em descrever a fabricação de um alfinete, obtido pelo trabalho de uma centena de operários tendo cada um durante várias jornadas, meses, anos – durante a vida inteira – feito sempre o mesmo movimento, dado o mesmo golpe de cinzel, lima ou brunidor. Essa especialização absoluta das funções no organismo industrial cessou de parecer tão perfeitamente admirável, e alguns se perguntam se é bem conforme ao respeito devido ao homem transformar um ser humano em um simples instrumento condenado durante toda a sua existência a fazer um único movimento mecânico, deformando o corpo, subjugando, aniquilando o espírito. (RECLUS, 2011, p.85)

Observamos com essa citação de Reclus a sua visão a respeito da indústria e seus efeitos na vida dos operários. Logicamente Reclus entendia o avanço que a divisão do trabalho, conjuntamente com as novas tecnologias, trazia para o aumento da produção, e conseqüentemente, se assim fosse a vontade, a distribuição igualitária dessa produção. Mas não era isso que ocorria, e como bem coloca Reclus, “os operários perdiam seus corpos e almas”.

4. A GEOGRAFIA SOCIAL

Reclus trouxe para o cenário geográfico um novo modo de se enxergar e fazer

Geografia, o que ele chamou de Geografia Social. Essa perspectiva trazia novos temas e abordagens para o campo da Geografia. A preocupação com a questão social, mais especificamente com a classe oprimida fez com que Reclus fosse a fundo em temas ainda pouco explorados pela ciência geográfica.

Para Reclus, o que mais importava era demonstrar a contribuição que a geografia poderia dar à solução de problemas sociais – nunca falou em geografia humana, senão em geografia social – explicar a origem desses problemas, podendo por isso ser considerado também um dos fundadores da geografia histórica. Assim, pode-se admitir que ele tenha sido um dos precursores da moderna Geografia Ativa. (ANDRADE, 1985, p.22)

Apesar de Reclus considerar outras categorias na análise espacial, ele admitia e existia das classes sociais e sua importância no desenvolvimento de suas pesquisas. Assim como preconizou Marx, que o motor da história é a luta de classes, Reclus colocou como principal fator para as grandes revoluções que transformaram em diversos momentos os rumos da história.

A luta de classes, que existe na história da humanidade, a partir do momento que se instalou a propriedade privada e o Estado, surge de uma contradição social que não pode ser rompida ou dissolvida. Partindo do fato de que cada lado dessa constante disputa procura assegurar seus interesses e domínios, nos leva a um conflito permanente, que possui a vantagem o lado que detém a máquina estatal em suas mais diversas formas no decorrer da história humana. Portanto os avanços ocorridos na sociedade, avanços esses que foram e ainda são

para uma pequena minoria, deve a essa constante tensão entre distintas classes.

A sociedade está dividida em classes sociais, em consequência das formas de apropriação dos meios de produção; que esta diferença de classes provoca a luta entre as classes dominadas que aspiram a melhor sorte e as classes dominantes que não querem perder o controle do poder e das riquezas. (ANDRADE, 1987, p.57)

O desejo último de Reclus é uma sociedade onde não existam classes sociais, ou seja, que não existam explorados e exploradores, uma sociedade que exista regras e diretrizes, mas que tudo isso seja discutido de forma horizontal e por toda a população.

Outro aspecto chave na elaboração da geografia social consiste no equilíbrio que existe entre as duas classes antagônicas existentes e que em muitos momentos da história, como por exemplo, na Comuna de Paris, onde Reclus participou ativamente, se rompem em uma violenta revolução, ocasionando eventualmente certa evolução social.

Reclus considera que a constante tensão entre trabalhadores e patrões, seja qual for o momento histórico, leva a possíveis “janelas” para transformações. Quando os trabalhadores, não se deixam enganar por infinitas ideologias e propagandas das classes dominantes, e que se põe em marcha para então transformar sua realidade miserável, um mundo de oportunidades se oferece, inclusive uma revolução.

A violação da justiça sempre clama vingança. Daí, incessantes oscilações. Aqueles que comandam procuram permanecer como chefes,

enquanto os que os servem fazem esforços para reconquistar a liberdade. E em seguida, arrastados pela energia de seu élan, tentam reconstituir o poder em proveito próprio. Assim se sucedem as guerras civis, complicadas com guerras estrangeiras, massacres e destruições, numa confusão contínua, finalizando diversamente, de acordo com o impulso respectivo dos elementos em luta. (RECLUS, 1985, p.39-40)

Revolução e evolução estão estritamente ligadas na visão de Reclus, e que esse é o caminho inevitável em uma sociedade dividida em classes sociais. Contudo observamos que esse caminho, os das revoluções, ainda não foi capaz de romper com a sociedade de classes, mas de fato, é a maneira que as sociedades evoluem. Não podemos descartar o caráter que os governos cumprem tentando manter o equilíbrio entre as forças, mas mesmo com esses gigantescos esforços por parte do Estado, mudanças abruptas enxerga-se no horizonte, e são inevitáveis.

Mas há luta, luta incessante, e a vitória definitiva não está ganha: a era das revoluções, diga-se o que disser, está longe de ter acabado, e, inclusive, ela não pode sê-lo enquanto a evolução realizada nos espíritos chocar-se contra a resistência dos preconceitos e do que se denomina “interesses estabelecidos”. (RECLUS, 2011, p.73)

A última parte da tríade que compõe a geografia social liga-se a questão do indivíduo e sua atuação constante no meio. Na perspectiva de Reclus era impossível idealizar uma sociedade melhor, mais justa, sem contar com o progresso individual do ser. Esse traço da obra de Reclus é recorrente em autores anarquistas, que muitas vezes preferem colocar um maior

valor na análise do indivíduo do que pensar o conjunto, o todo.

A análise histórica indica que nenhuma evolução positiva pode se realizar sem esforço individual, sem o aperfeiçoamento do homem como pessoa. Este aperfeiçoamento leva, naturalmente, à formação de uma sociedade em que a pessoa humana tenha maior liberdade. (ANDRADE, 1985, p.20)

A junção desses três objetos de análise formou a Geografia Social que possui como preocupação central a transformação da sociedade e uma Geografia militante.

Observamos na Geografia crítica uma grande preocupação com questões sociais, assim como em Reclus. Obviamente a Geografia Crítica não possuía apenas um interesse no oprimido, mas também em fazer uma verdadeira “revolução” no modo de se fazer Geografia. A metodologia para se analisar os objetos geográficos foram completamente modificados. A dialética, o materialismo histórico, principalmente, começou a protagonizar os trabalhos dos geógrafos críticos. E todos esses elementos, mesmo que ainda não esteja sistematizado de forma clara nas obras de Reclus, já estão presentes, podendo o geógrafo francês ser considerado um dos grandes inspiradores e que tenha influenciado o surgimento da Geografia e Crítica, assim como fez em relação Geografia Ativa.

Por incrível que pareça Reclus percebe, pelo meio século antes do surgimento da chamada Geografia Crítica, a produção do espaço e a descreve como parte de um processo de evolução das sociedades, onde antes reis ou imperador agia criando um grande uma grande capital, agora o capital especulativo e financeiro age

formando grandes cidades. (MACHADO, 2011, p.7)

Na citação de Machado (2011) podemos perceber que Reclus já chamava a atenção para temas que demoraria mais algumas décadas para outros geógrafos pudessem trata-los.

5. A QUESTÃO COLONIAL

No século XIX as potências europeias, principalmente a Inglaterra, buscavam novos territórios para expandir seus domínios, tanto econômico, quanto político. No período tínhamos dois pensamentos hegemônicos, o primeiro defendido por Ratzel que afirmava a necessidade de um território conquistar novos espaços, expandir, e conseqüentemente se tornar forte (espaço vital), E o defendido por La Blache que preconizava que os povos avançados europeus deveriam levar a civilização para os bárbaros do novo mundo (gênero de vida)

Com o decorrer do tempo, formam-se domínios de civilização que absorvem os meios locais, meios de civilização que impõem uma norma geral que se imprime em muitos usos de vida. O Islão, o Hinduísmo, a China representam tipos de civilização superior cuja imitação se estende muito para além dos limites das regiões naturais. O Europeu desempenha o mesmo papel; o Yankee tende a toma-lo na América. (LA BLACHE, 1954, p.377)

A expansão territorial era típica e necessária para o capitalismo do século XIX. A ciência, portanto, cumpria o papel de legitimar essa expansão, sobrando poucos autores que contrariavam as perspectivas dominantes.

Segundo Andrade (1985) a maior contribuição de Reclus para a Geografia

moderna diz respeito à questão colonial. Reclus forja um termo muito utilizado por geógrafos e historiadores atualmente, colônias de povoamento e exploração. Esta abordagem, nos dias de hoje, é criticado por muitos autores, contudo ainda é amplamente difundido. “Enquanto estive nos EUA, Reclus reconheceu duas realidades econômicas distintas criadas no Norte e Sul do país, colônia de povoamento e colônia de exportação, termos, aliás, cunhados por ele” (REGIANI, 2011, p.5)

Reclus argumenta que em determinados locais, o modelo de ocupação foi o de povoamento, que consiste no estabelecimento definitivo de colonos nas terras conquistadas. Segundo o autor os territórios que foram ocupados dessa forma na maioria das vezes prosperaram. Já as colônias de exploração, aquelas que o único intuito era retirar matéria prima ao preço mínimo e trabalhadores baratos, que se assemelhavam as condições do trabalho escravo, essas colônias estavam fadadas ao subdesenvolvimento.

A Grã-Bretanha e as colônias de povoamento”, faz distinção entre colônias de povoamento e colônias de exploração, indicando que as primeiras se caracterizam pela migração de europeus para áreas colônias pouco povoadas e pelo estabelecimento de famílias que pretendem ficar em caráter definitivo. A este sistema ele justifica, chegando a defender a ocupação francesa na Argélia, mesmo não escondendo a luta e a desapropriação da população árabe, e tem páginas de simpatia pela colonização inglesa. (ANDRADE, 1985, p.31)

Não se pode considerar que Reclus era plenamente contra a colonização dos europeus que sangravam e subjogavam territórios por todo mundo. Contudo ele é sem dúvida um dos

primeiros entre os geógrafos a ousar considerar e criticar os massacres, desapropriações, intervenções econômicas e políticas, principalmente nas colônias que considerava de exploração. É também um dos primeiros geógrafos a fazer uma análise do novo mundo, nações como Brasil, Argentina, EUA, Colômbia, entre outras, estiveram em seus escritos. Além de Reclus, descrever os principais traços econômicos, políticos, naturais, desses “novos países”, ele também não poupou críticas aos excessos dos dominadores.

Assim, quando comparamos nossa sociedade mundial, tão poderosa, com os pequenos grupos imperceptíveis dos primitivos que conseguiram manter-se fora dos “civilizadores” – demasiado amiúde destruidores -, podemos ser levados a crer que esses primitivos eram superiores a nós e que regredimos no caminho das eras. É que nossas qualidades adquiridas não são da mesma ordem que as qualidades antigas; a comparação, por consequência, não pode fazer-se de uma maneira equitativa. (RECLUS, 2011, p.31)

Observamos que Reclus, na contramão dos demais geógrafos, aceitava a relevância e importância dos povos ditos primitivos, os considerando detentores de certo desenvolvimento e que viviam de forma harmoniosa.

O Brasil foi foco de estudos de Reclus. Em um dos seus volumes do Homem e a Terra, ele tratou do “Estado material e social da população brasileira”. Reclus começa o texto tecendo severas críticas ao recenseamento brasileiro que não ocorre de forma sistemática e não possibilita uma análise precisa da população brasileira. Segundo o autor o governo brasileiro não tem condições de garantir este

procedimento tão necessário para conhecer sua população.

A grande extensão territorial do Brasil e sua baixa utilização são abordadas por Reclus. Em uma terra de tamanha extensão e fertilidade, deveria nas palavras do autor ser mais bem utilizados.

A extensão dos terrenos cultivados não representa senão uma parte mínima da superfície da República. Em muitos lugares do Brasil a menor lavoura atrai a atenção, tão habituado se está a ver de ambos os lados da estrada mata sobre matas e terrenos baldios. Seria aliás extremamente difícil tentar uma estatística das lavouras, porque o pequeno lavrador brasileiro é meio nômade. Terra não falta, e desde que uma está cansada, desde se escasseiam as colheitas, ele abandona seu campo e prepara outro derrubando o mato. Neste país de tamanha fertilidade, bastam o calor, bastam o calor e a umidade para cobrir de viçosa vegetação os terrenos naturalmente mais ingratos. (RECLUS, 1985, p.173)

Contudo o que merece maior atenção é a riquíssima análise geral do Brasil, que engloba economia, política, recursos naturais, e uma visão sempre crítica, sempre ressaltando os problemas sociais brasileiros. Visão essa que não era comum entre os geógrafos do período, e que não foi considerada Geografia, e que será comum nos geógrafos críticos atuais. Acrescentando a visão dialética materialista.

6. A CRESCENTE INDUSTRIALIZAÇÃO E SEUS EFEITOS

A industrialização era pouco, ou não discutido por geógrafos do século XIX. Reclus será um dos primeiros a abordar a questão de forma comprometida com os interesses dos trabalhadores. A indústria como se sabe atualmente, é um grande transformador do

espaço social. A importância da indústria no século XIX foi ainda maior que nos tempos atuais. Com estruturas colossais e milhares de trabalhadores, essa importante engrenagem do sistema capitalista, ditava uma série de regras para a sociedade. Mesmo com todo esse poder, a indústria foi negligenciada pelos geógrafos do período.

A Europa nos séculos XIX e XVIII, puxada principalmente pela Inglaterra, observa uma mudança radical nas relações de trabalho. O homem do campo se vê obrigado, em diversos casos, a partir do campo e se inserir em uma penosa rotina de trabalho nas indústrias. Cidades insalubres e sem nenhum saneamento básico é o novo lar da classe trabalhadora nascente.

Todavia, as descobertas sucedendo às descobertas, o sistema à rotina, pôde-se transformar completamente o antigo ferramental; os trabalhadores da indústria acomodaram-se perfeitamente ao novo estado das coisas; eles aprenderam, por assim dizer, a viver no fogo, em meio a corrente elétrica, no próprio centro da luta entre as forças do caos primitivo; aprenderam a torna-se absolutamente os senhores, e isso sem esforço, por gestos tranquilos e dominadores: apoiam sobre uma alavanca, deslocam uma agulha, tocam um botão, e tudo muda a seu bel-prazer, em uma medida precisa e segundo um ritmo do qual eles regulam cada oscilação. (RECLUS, 2011, p.15)

Junto com a grande indústria nasce também um poderoso sujeito social, a classe operária. A indústria possibilita grandes aglomerações de trabalhadores, que participando de uma mesma rotina miserável começam a contestar a situação em que vivem. Os primeiros sindicatos operários surgiram na

Inglaterra, e seu tamanho e força aumentavam conforme a própria industrialização prosseguia.

Reclus, em sua análise sobre a crescente industrialização, foca muito nas péssimas condições de trabalho no qual os trabalhadores estão sujeitos. Jornadas de trabalho intermináveis, salários baixíssimos que mal podiam pagar as despesas com alimentação, moradia, saúde; menos ainda se pensava nesse período em lazer e cultura. Existem também vários relatos de crianças e mulheres trabalhando em condições ainda piores.

Lembremo-nos da sinistra profecia de Adam Smith (Riqueza das Nações) ao declarar que, pelo fato da divisão do trabalho e da inevitável repetição de procedimentos aos quais os operários encontram-se condenados, sua inteligência forçosamente se atrofiará e torna-se "tão estúpidos e ignorantes quanto uma criatura humana pode torna-se" (RECLUS, 2011, p. 21)

Atualmente, observamos constantemente geógrafos críticos, utilizando-se das análises sobre as indústrias para entender certos fenômenos geográficos. O que era pouco usual na época de Reclus, principalmente em uma perspectiva crítica. Portanto, o geógrafo anarquista Élisée Reclus, no final do século XIX, já tratava a indústria como uma das categorias de análise da Geografia. Mesmo não utilizando de um método dialético materialista, já trazia as contradições envolvendo o processo de industrialização e sua relação com a Geografia.

7. METODOLOGIA

Realizou-se primeiramente uma pesquisa exploratório-bibliográfico, pois será analisado em diversos livros, sites especializados, revistas, teses de mestrado e doutorado, artigos e obras de Élisée Reclus e de autores críticos. A partir dessa pesquisa se comparou as obras de Reclus a de autores crítico, identificando a influencia de determinadas citações, teorias, críticas de Reclus nas obras dos geógrafos críticos, focando principalmente as temáticas Geografia Social, questão colonial e industrialização.

8. CONCLUSÕES

A grande referência para compreender as obras de Reclus consiste no anarquismo. Todo o arcabouço anarquista servirá de base para a elaboração dos escritos considerados neste trabalho como originais, ou de grande relevância à Geografia Moderna, inclusive para a Geografia Crítica. No momento onde viveu Reclus, anarquismo e comunismo possuíam grande prestígio entre os trabalhadores, que discutiam de forma clandestina, ou de forma livre as obras dos principais pesquisadores da época. Reclus, influenciado pelo anarquismo, viveu sua vida para desenvolver o pensamento geográfico e também o anarquismo.

Com uma Geografia bem diferente dos demais geógrafos da época, Reclus trará novos objetos de análise para a Geografia, e principalmente a partir de uma perspectiva dos oprimidos, dos trabalhadores. Talvez essa seja uma das maiores contribuições de Reclus à Geografia. Enquanto Humboldt dedicava-se principalmente as questões naturais, Ritter

seguiu o mesmo caminho, acrescentando um pouco mais a presença humana, Ratzel e La Blache, que em última instância, estavam completamente ligados e a serviço de suas respectivas classes, ou seja, a classe dominante; Reclus por sua vez elabora uma Geografia que pretendia a libertação do homem e a transformação social.

Reclus não rompe com o positivismo predominante no período. Seus trabalhos estão impregnados com exaustivas descrições, típica do método positivista de análise da realidade. Contudo, ele avança, pois considera a luta de classes e o movimento constante dos fenômenos sociais e naturais, que mesmo sem conseguir introduzir esse conhecimento de forma plena em seus estudos, Reclus começa este processo.

Quanto às contribuições de Reclus à Geografia Crítica podemos citar uma serie pontos, conceitos, debates, que Reclus trouxe para a Geografia, contudo este trabalho se focou no que consideramos de maior relevância, tendo por base pesquisas de geógrafos brasileiros, como Andrade e Moraes. A Geografia Social, a questão colonial e a industrialização foram os temas tratados com maior destaque no presente trabalho, mas podemos colocar em debate outras contribuições de Reclus como sua visão radicalmente contrária a dicotomia entre a Geografia Física e Humana, levado pela maioria dos geógrafos críticos; sendo o primeiro geopolítico segundo Lacoste; e segundo Anuchin foi o responsável por forjar o conceito de maio ambiente geográfico. Enfim, conseguimos com este trabalho mostrar algumas

das contribuições de Reclus à Geografia, mas ainda existe um campo vasto de análise sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia. Atualidade do pensamento de Élisée Reclus. In: ANDRADE, Manuel Correia. (org.) **Élisée Reclus**. São Paulo. Ática, 1985, p.7-37.
- ANDRADE, Manuel Correia. **Geografia Ciência da sociedade: Uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.
- BOINO, Paul. O pensamento geográfico de Élisée Reclus. p. 9-39. In: RECLUS, Élisée. **Da ação humana na geografia física; Geografia comparada no espaço e no tempo**. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão & Arte, 2010.
- CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- KROPOTKIN, Piotr Alekseevich. **O Princípio Anarquista e Outros Ensaios**. Tradução e organização Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2007.
- LA BLACHE, Vidal de. **Princípios de Geografia Humana**. 2º Edição. Tradução Fernandes Martins. Lisboa, Cosmos, 1954.
- MACHADO, Silvio Marcio Montenegro. Élisée Reclus: a atualidade do pensamento de um geógrafo anarquista do século XIX e sua contribuição para a construção de uma geografia libertária para o século XXI. p. 1-13. In: Colóquio Internacional Élisée Reclus. **Anais...** São Paulo, 2011.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**. Pequena História Crítica. 20.ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- PAULA, A. P. Paes de. Mauricio Tragtenberg: contribuições de um marxista anarquizante para os estudos organizacionais críticos. In: **Revista de Administração Pública**. v.42, n.5, 2008.
- RECLUS, Élisée. **Da ação humana na geografia física; Geografia comparada no espaço e no tempo**. Tradução e organização Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão & Arte, 2010.
- RECLUS, Élisée. **O Problema Colonial**. In: ANDRADE, Manuel Correia (Org.). Élisée Reclus. São Paulo Ática, 1985, p.109-130.
- RECLUS, Élisée. **O Brasil nos fins do século XIX**. In: ANDRADE, Manuel Correia (Org.). Élisée Reclus. São Paulo Ática, 1985, p.167-196.
- RECLUS, Élisée. **O homem é a natureza adquirindo consciência de si própria**. In: ANDRADE, Manuel Correia (Org.). Élisée Reclus. São Paulo Ática, 1985, p.38-41.
- RECLUS, Élisée. **O Homem e a Terra: Progresso**. Tradução Plínio Augusto Coêlho São Paulo: Expressão e Arte, 2011
- RECLUS, Élisée. **O Homem e a Terra: A indústria e o Comércio**. Tradução Plínio Augusto Coêlho São Paulo: Expressão e Arte, 2011
- REGIANI, Rafael. Élisée Reclus e os novos mundos do capitalismo. p. 1-15. In: Colóquio Internacional Élisée Reclus. **Anais...** São Paulo, 2011.